



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

AMANDA PEREIRA DA SILVA LOPES

**O PROCESSO DE CLASSIFICAÇÃO NO EXAME NACIONAL DO ENSINO
MÉDIO (ENEM) ENTRE OS ALUNOS PERTENCENTES A DIFERENTES
ESTRATOS SOCIAIS NA CIDADE DE CATOLÉ DO ROCHA – PB.**

Católé do Rocha – PB

2017

AMANDA PEREIRA DA SILVA LOPES

O PROCESSO DE CLASSIFICAÇÃO NO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO (ENEM) ENTRE OS ALUNOS PERTENCENTES A DIFERENTES ESTRATOS SOCIAIS NA CIDADE DE CATOLÉ DO ROCHA – PB.

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do grau de **licenciatura plena em Letras**.

Orientador: Profº Drº Jairo Bezerra Silva.

Catolé do Rocha – PB

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586p Lopes, Amanda Pereira da Silva

O processo de classificação no exame nacional do ensino médio (ENEM) entre alunos pertencentes a diferentes estratos sociais na cidade de Catolé do Rocha - PB [manuscrito] / Amanda Pereira da Silva Lopes. - 2017.

39 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2017.

"Orientação: Dr.Jairo Bezerra Silva, Departamento de Letras e Humanidades".

1.ENEM 2.Alunos 3.Desempenho 4.Trajectoria I. Título.

21. ed. CDD 371.26

AMANDA PEREIRA DA SILVA LOPES

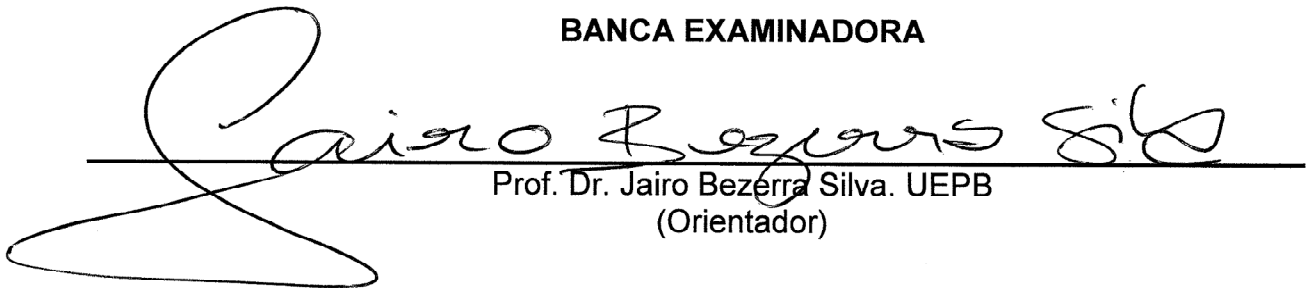
**O PROCESSO DE CLASSIFICAÇÃO NO EXAME NACIONAL DO ENSINO
MÉDIO (ENEM) ENTRE OS ALUNOS PERTENCENTES A DIFERENTES
ESTRATOS SOCIAIS NA CIDADE DE CATOLÉ DO ROCHA – PB.**

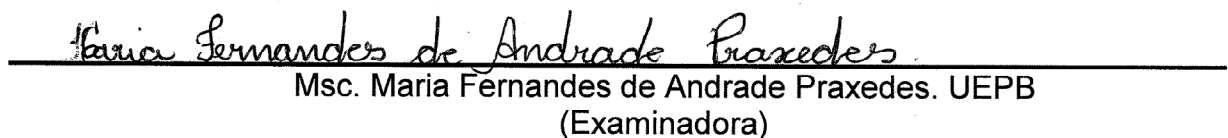
Trabalho de conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do grau de
licenciatura plena em Letras.

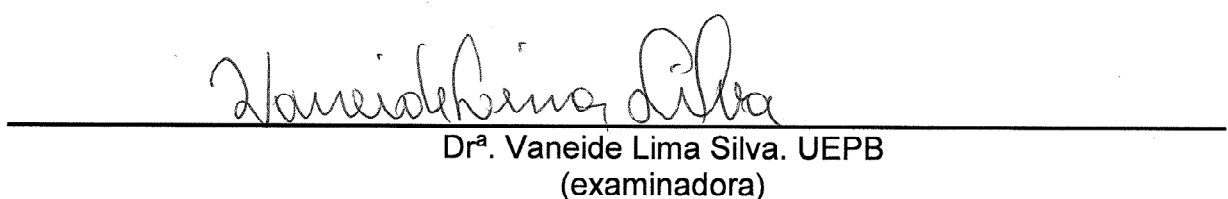
Orientador: Profº Drº Jairo Bezerra Silva.

Aprovada em: 10 / 08 / 2017

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Jairo Bezerra Silva. UEPB
(Orientador)


Msc. Maria Fernandes de Andrade Praxedes. UEPB
(Examinadora)


Drª. Vaneide Lima Silva. UEPB
(examinadora)

DEDICATÓRIA

A meu filho, Luís Fellipe, por sempre ser a minha base e fortaleza; por ser minha maior motivação e força; por buscar em mim força e coragem, espelhando-se para ser uma pessoa íntegra e de bem; por ser, para mim a única certeza de que o amor verdadeiro existe. Para você e por você tudo aquilo que eu fiz de melhor em minha vida. Te amo, meu filho!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por cuidar tão bem de mim, me dando força e discernimento para enfrentar situações diversas. Não sei o que seria de mim sem os Seus cuidados e amor inigualável.

Aos meus pais, Pereira e Aldenir, por se fazerem tão presentes em toda minha vida, por me ajudarem sempre, me guiando, me incentivando e me mostrando o que é certo e errado. Obrigada pelo que são, não só comigo, mas também com nosso tesouro Luís Fellipe. Eu amo vocês.

Ao meu esposo Sóstenes Lopes, pelo companheirismo e compreensão de sempre. Muito obrigada amor, por cuidar sempre tão bem de mim e do nosso filho.

A meu orientador, Jairo Bezerra, por todo conhecimento compartilhado, pela paciência e pelos ensinamentos. Muito obrigada por todas as vezes que me ergueu, me incentivando e me fazendo acreditar que eu sou capaz.

Aos meus amigos, que pude contar em todos os momentos e, principalmente, no desenvolvimento deste trabalho.

A todos os professores e funcionários do Departamento de Letras, por contribuírem direta ou indiretamente para a minha formação.

A todos, o meu muito obrigada!

RESUMO

O nosso principal objetivo neste trabalho é analisar a maneira como se processa o desempenho dos alunos pertencentes aos diferentes estratos sociais na cidade de Catolé do Rocha-PB, em relação ao Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM. Para isso, utilizamos uma metodologia qualitativa, através da qual, entrevistamos sete alunos pertencentes às instituições públicas e privadas, como também, três professores pertencentes às mesmas, com o intuito de buscar, através das falas desses, a identificação das principais dificuldades encontradas ou não no cotidiano de suas trajetórias escolares. O aporte teórico, encontra subsídios principalmente, em Pierre Bourdieu (2007, 2013), Marx Weber (2000) e Souza (2009, 2015), autores esses, da sociologia, que nos ajudam a compreender quais as principais contradições existentes no corpo do sistema escolar brasileiro. Em relação aos resultados, chegamos às seguintes conclusões: em primeiro lugar, a de que a herança sócio-educacional é um elemento quase definidor do sucesso escolar, salvo raras exceções; e, em segundo lugar, a de que a motivação educacional representa um símbolo, cuja valorização se dá como um instrumento de privilégio de classe.

Palavras-chave: ENEM. Alunos. Desempenho. Trajetória.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 DESAFIOS E DIFICULDADES.....	9
2. A GÊNESE DO ENEM	13
2.1 ENEM 1º ETAPA: 1998 - 2016.....	13
2.2 ENEM 2ª ETAPA: 2017	15
3. VOZES E RELATOS DOS ALUNOS E PROFESSORES ENTREVISTADOS	17
3.1 A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE SANDRA.....	17
3.2 A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE VIVIAN.....	19
3.3 A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE LÚCIA	21
3.4 A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE FLÁVIA	22
3.5 A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE JOANA.....	24
3.6 A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE VALÉRIA.....	25
3.7 A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE HELENA	27
3.8 PRINCIPAL QUEIXA DAS ALUNAS EM RELAÇÃO AO ENEM	29
3.9 REGISTROS DAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS	32
3.10 CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS FALAS DAS ENTREVISTADAS	34
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	39

1. INTRODUÇÃO

Desde o tempo da educação básica, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), enquanto um novo processo de avaliação, representava algo instigante ao que se refere à minha curiosidade. E isso contribuiu para que cada vez mais eu me interessasse em saber como se dava a sua complexidade e o que seria, nas minhas ruminções, necessário para obter êxito no exame. Um dos motivos que mais me chamavam a atenção era o fato de que uma parcela significativa dos alunos do ensino médio, de escolas públicas e privadas apresentavam desempenhos distintos no processo seletivo, quando a esses, eram ofertados recursos distintos e hierárquicos cabíveis para o sucesso ou o fracasso sócio-educacional. E, com isso, à medida que o tempo corria, a minha questão ou questões referentes ao ENEM assumiram a seguinte envergadura: o que é e como funciona?

Diante das questões acima colocadas, recorreremos aos autores Souza (2009, 2015), e Bourdieu (2007, 2013), Weber (2000) a fim de entendermos o porquê das escolas públicas brasileiras, em sua maioria, oportunizarem possibilidades distintas das que as escolas privadas oferecem, ou seja, por que a maioria destas escolas ainda funciona precariamente? Por que o ENEM ainda se constitui como um processo de avaliação hierárquico?

No terceiro ano do ensino médio a curiosidade em saber como de fato funcionava o ENEM agigantou-se. Ao chegar à universidade, no ano de 2012, começo a perceber que uma parcela dos alunos cuja origem social é advinda de escola pública tem um desempenho um tanto diferenciado daqueles que provinham de escolas privadas e de escolas que são especializadas em preparar com material e métodos inovadores o aluno a ela integrado, para cumprir a “missão” do ENEM. Percebia, também, que tais dificuldades se avolumavam à medida que as teorias eram discutidas e, também, quando os alunos se embaraçavam no quesito coerência argumentativa.

Em meio a essa realidade, não era estranho saber qual seria o nosso objeto de estudo aqui apresentado, isso porque, ante às intempéries amargas dos que possuem um histórico de exclusão social, já havíamos nos apaixonado pela temática cuja questão de pesquisa em marcha é a de saber: como se dá o processo de

classificação no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) entre os alunos pertencentes aos diferentes estratos sociais na cidade de Catolé do Rocha – PB?

Adotamos uma metodologia de ordem qualitativa, essa ao nosso entender é representativa para a dimensão do trabalho aqui proposto. Entrevistamos 07 (sete) alunos dos quais 03 (três) advinham de escolas públicas e 04 (quatro) de instituições privadas. Os relatos desses se deram através de conversas informais, cujas falas nos levaram a captar parte integrante do sentido, dos dramas, ou das limitações referentes ao histórico escolar no qual esses alunos pertenciam, e como a história de vida desses interfere no desempenho dos mesmos no processo de seleção do ENEM. E isso vai de encontro aquilo que Weber (2000) considera como seletivo de um sistema social, cuja racionalidade operacionalizada não cabe a missão de oportunizar chances entre vencer o jogo aquele que detém a competência educacional reprimida pelo mercado.

Entrevistamos também 03 (três) professoras de língua portuguesa que trabalham em escolas privadas e duas delas atuam também em instituições públicas, do município de Catolé do Rocha – PB, com o intuito de entender e descobrir quais os métodos de ensino que cada escola oferece aos alunos que serão candidatos ao Exame Nacional do Ensino Médio, quais as queixas mais frequentes feitas por estes alunos, se há apoio das instituições que as mesmas atuam, se há, quanto tempo a escola oferece para que este apoio seja concretizado, o que, para elas, em termos de gramática e interpretação foi mais difícil, e finalmente, o que acharam das mudanças que acontecerão no ENEM a partir deste ano.

1.1 DESAFIOS E DIFICULDADES

Compreendemos que a realidade da maioria das escolas públicas brasileiras é de fato preocupante, pois, muitas vezes essas não permitem, ou até mesmo não oferecem recursos para que os alunos possam se tornar cidadãos críticos perante o contexto social no qual vivem, uma vez que, muitas vezes, não contam com estruturas e recursos favoráveis, tampouco dispõem de profissionais capacitados

para integrar o *hall* de uma educação de qualidade, fazendo valer a máxima de Souza, quando coloca que:

[...] todos nós sabemos que a maior parte das escolas públicas brasileiras enfrenta graves problemas que afetam drasticamente o seu funcionamento, comprometendo seriamente sua função de promover a cidadania por meio da educação. [...] por que as nossas escolas públicas, em sua maioria, falham quanto a assumida tarefa de oferecer aos jovens pobres de todo o Brasil possibilidades objetivas de subirem na vida? (SOUZA, 2009, p.281).

Ao nos depararmos com o comentário acima, vemos que a realidade que assola as escolas públicas brasileiras realmente é alarmante, principalmente por situar-se numa zona de grandes tensões sociais. Integrar o aluno às atividades de sala de aula e aos procedimentos estabelecidos pela instituição, em si, não é um papel simples, principalmente quando o quesito estrutura das escolas não oferece o suporte necessário ao mecanismo de quebra de hierarquização, uma vez que a exclusão parece ser um bloco de gesso moldado a ser natural. Além disso, nos deparamos incansavelmente com profissionais que, muitas vezes, estão adeptos aos modelos de aula herméticos, que tem como característica a mecanicidade, repetindo as aulas inúmeras vezes às diversas turmas com as quais o professor interage no cotidiano escolar.

Bourdieu (2013) nos mostra como o sistema educacional é um instrumento reprodutor das desigualdades sociais, tratando os diferentes de maneira igualitária, desconsiderando a preocupação com a origem social quando o conteúdo é a prioridade máxima do sucesso esperado, ante àquilo que é investido por cada classe social em relação à posse dos diferentes tipos de capital. A elite econômica para o autor tem a plena certeza do retorno investido na educação, a classe média, tem dúvidas relativas, e a ralé incertezas, o que a faz entregar-se aos “prazeres imediatos”, ou seja, àqueles que distanciam o sujeito da apropriação legítima do capital sócio-educacional como uma arma que naturaliza as hierarquias.

Em relação ao sistema educacional desigual, semelhante ao qual nos encontramos, deparamo-nos também com a dificuldade de concentração de grande parte dos alunos da “ralé¹”, que pode estar ligada a uma série de fatores, dentre eles, processa-se a “incapacidade de concentração”, que segundo Souza (2015), é

¹ Termo usado por Jessé Souza

um privilégio de classes, ou seja, o aluno da “ralé” já chega à sala de aula aos 05 (cinco) anos como um “derrotado”, pois, é socializado de tal forma. Ainda para o autor, somos espelhos daqueles que mais amamos e a ordem socialmente construída como natural, induz à imitação dos pais. A concentração enquanto um privilégio de classe social nos encaminha a perceber, o instante no qual um bebê, ao nascer em um ciclo familiar tido como “excluído” dificilmente será socializado de maneira a envergar a origem a ele profetizada. Diante disso percebemos que:

[...] coisas como capacidade de concentração, que a gente imagina ser um dado tão natural como ter dois braços e dois olhos não é, é [na verdade] um privilégio de classe, ou seja, você é ensinado de modo invisível - porque é o modo do exemplo da mãe, que conta a história cheia de fantasia, o pai sempre lendo, um tio que sabe inglês. O estímulo disso para a criança é avassalador. Ela quer imitar quem ela ama. Nós, seres humanos, somos montados imitando. Nós, indo entrevistar pessoas da ralé, [víamos] o filho do pedreiro brincando com o carrinho de mão do pai, ou seja, está aprendendo a ser trabalhador manual, não usar a cabeça, não usar a reflexão. (SOUZA, 2015).

As constatações acima representam um retrato danificado de parte da educação básica no Brasil, ou seja, os alunos que vêm de uma escola pública apresentam, na sua maioria, mais dificuldades em relação à compreensão dos conteúdos disponibilizados nos currículos das universidades, diferentemente dos oriundos de parte das escolas privadas. É possível que isso ocorra pelo fato das escolas particulares oferecerem, em grande parte, recursos excedentes de classificação que estimulam a aprendizagem do indivíduo. Já nas escolas públicas acontece, na maioria das vezes, o contrário, ou seja, ao invés de ser um instrumento de igualdade, transforma-se em instrumento de desigualdade como nos mostra Bourdieu:

Com efeito, para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. Em outras palavras, tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura. (BOURDIEU, 2007 p.53).

Após as observações catalogadas por mim ao longo do curso de Letras, como também no meu cotidiano, no qual exerço a atividade da docência, ao trabalhar com

alunos de diferentes classes sociais, me fizeram chegar à constatação que mais de 60% (sessenta por cento) dos alunos oriundos da escola pública, lamuriavam constantemente a dificuldade em ler, em entender, em compreender, em escrever e em refletir sobre o conjunto de teorias expostas em sala de aula, embora houvesse ali uma “ovelha” fora do rebanho – salva do fracasso educacional. Não raras vezes, ouvia relatos, nos quais eram mencionados as seguintes intempéries: “eu estou ficando doido, não consigo entender nada que o professor está dizendo; será que eu não aprendi nada na escola durante todo o tempo em que estudei? Nunca li um livro na vida e agora tenho de ler isso tudo! Será que vou conseguir terminar esse curso?”. Já entre os alunos oriundos de escolas particulares, percebemos na maioria das vezes uma realidade inversa, mediante a qual, a dificuldade era apagada pela leveza em relação à compreensão das teorias e ao domínio dos diferentes obstáculos simbólicos propostos e executados pelos educadores em cena.

É ante à realidade acima exposta de maneira dialética que apresentamos, de forma sintética, uma fotografia relativa à maneira como os alunos são marcados de forma negativa ou positiva pelo histórico social na seleção do ENEM, na chegada à universidade, e na saída – como fracassados ou vencedores, a exemplo dos seguintes casos relatados e com os quais convivi em tempos pré e pós-acadêmicos: a) alunos que não falam em prestar concursos públicos, diferentemente daqueles que encerram o curso de graduação aprovados em certames, b) alunos que não construíram estratégias para o seu fortalecimento educacional ao contrário dos que se capitalizaram, c) alunos que não eram desenvolvidos nas apresentações dos seminários e que apresentavam sérios problemas de comunicação, interação e posse de habilidade teórica, em oposição aos fluentes em eloquência, d) alunos que não concluíram o TCC e os que o fizeram, e) alunos desempregados e em alguns casos “eternamente” – inempregáveis, f) e, por fim, alunos que não falam em mestrado ou sequer em uma especialização na área do curso de formação.

2. A GÊNESE DO ENEM

O exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) teve sua primeira edição no ano de 1998, e durante 10 (dez) anos seu objetivo básico centrava na avaliação e no desempenho dos alunos que concluíam o ensino médio regular, mas, a partir do ano de 2009, o ENEM, passou a funcionar também como uma forma de acesso às universidades públicas e faculdades privadas, brasileiras.

Após a criação do SISU², o ENEM se popularizou ao ponto de promover o ingresso automático do aluno à universidade, passando a ser uma “ferramenta” que contribui para a universalização do ensino médio no Brasil.

Outro fator que constatamos como proveitoso foi o fato de que o exame passou a funcionar como certificado para o ensino médio, para aqueles candidatos que por algum motivo não concluíram tal modalidade de ensino, mesmo estando fora da faixa etária.

O ENEM tem dado uma relativa contribuição para a educação brasileira, com a possibilidade de reorganizar o currículo do ensino médio, possibilitando aos alunos ingressarem em instituições de ensino superior e principalmente a melhoria significativa da educação básica brasileira, o que de fato gerou, em grande parte, o aumento significativo do sucesso quem o ENEM tem até os dias atuais.

2.1 ENEM 1º ETAPA: 1998 - 2016

Desde o ano inicial até os dias de hoje, o ENEM cria mecanismos para o acesso democrático, embora saibamos que haja o peso da origem social do aluno, ou seja, as oportunidades ideologicamente discursivas são de que o ENEM é para todos. Mas, em contrapartida, o exame avalia os estudantes através da interpretação de textos, raciocínio lógico e constata ainda se os assuntos expostos em sala de aula durante o ensino médio foram trabalhados de maneira geral, o que nos leva a perceber que aqueles alunos que tem uma bagagem sócio-educacional

² Sistema de Seleção Unificada.

mais avantajada, se sairão melhor do que aqueles alunos prejudicados neste quesito.

Desde o início de suas edições o número de inscritos no ENEM só crescia, até nos depararmos com a edição do ano de 2007, ao nos mostrar uma rota inversa, uma vez que, neste ano o número de candidatos não ultrapassa a marca de inscritos da edição passada.

As provas, até o ano de 2016 (dois mil e dezesseis), aconteciam em dois dias consecutivos: sábado e domingo. O exame é composto por 180 (cento e oitenta) questões de múltipla escolha, cada dia de prova, e no segundo dia, além das questões há também a proposta de produção textual, um texto dissertativo-argumentativo com o limite de até 30 (trinta) linhas.

No decorrer de cada edição do exame, várias mudanças foram constatadas, como por exemplo, a taxa de inscrição passou a ser grátis para alunos da rede pública a partir do ano de 2001 (dois mil e um), em 2005 (dois mil e cinco) vieram às primeiras divulgações da média por escolas brasileiras. Até o ano de 2009 (dois mil e nove) o exame contava apenas com 63 (sessenta e três) questões de múltipla escolha, e a redação, que eram realizados em apenas um dia: o domingo. Ainda nesse ano o ENEM era visto apenas como um acréscimo, e não funcionava como uma prova de vestibular que dava total acesso às universidades públicas do país, mas, passa a ser porta de entrada para o acesso ao FIES (Fundo de Financiamento do Estudante do Ensino Superior) criado pelo governo federal para auxiliar no pagamento dos cursos em instituições de ensino superior privadas.

Outro fato interessante é que nas primeiras edições o resultado do exame vinha através de uma carta do INEP até o endereço do aluno. E foi só em 2010 (dois mil e dez), durante a gestão de Fernando Haddad, então ministro da educação, o ENEM ganhou outro modelo, passando a ter 180 (cento e oitenta) questões de múltipla escolha mais a redação, modelo adotado até hoje.

Com o decorrer dos anos, o ENEM se reconfigura. Entre os anos 2010 a 2013, passa a ser pré-requisito para se adquirir bolsas do Programa “Ciências sem Fronteiras”³.

³ Programa que oferece bolsas de intercâmbio em instituições de ensino superior no exterior, para estudantes de graduação e pós-graduação brasileiros que tenham bom desempenho acadêmico no ENEM.

Em 2015, após vários escândalos com fraudes, o *Inep*, buscando melhorarias no desempenho do ENEM determina que as provas comecem somente 30 (trinta) minutos após o fechamento dos portões. Ainda nesse ano, o *Inep* elimina o uso de cartão de confirmação, que antes era enviado via Correios, e a partir de então, passa a estar disponível a todos os candidatos somente pela internet. Outras mudanças constatadas ainda no ano de 2015 foram o fato de que o valor da inscrição, que antes era de R\$ 35 (trinta e cinco reais), passa a ser R\$ 63 (sessenta e três reais), e a regra para isentos, que consistia em ter esse direito aqueles candidatos que tinham concluído o terceiro ano do ensino médio em escolas públicas, muda, agora só teriam esse direito aqueles candidatos que haviam cursado todo o ensino médio em tais escolas.

Em 2016, o ENEM passa a fazer uso da biometria como modo de segurança, sobe a taxa de inscrição novamente, desta vez para R\$ 68 (sessenta e oito) e lança um aplicativo para estudo e para deixar o candidato por dentro de tudo o que acontece no exame.

2.2 ENEM 2ª ETAPA: 2017

A partir do ano de 2017, uma série de mudanças foram constatadas no Exame Nacional do Ensino Médio, entre elas, vimos que o ENEM ocorrerá, no referido ano, em dois domingos (dia 5 e 12 de novembro) o que possibilita aos sabatistas a realização das provas normalmente; o exame não funcionará mais como diploma de ensino fundamental ou médio, pois o mesmo se dará agora por meio do ENCCEJA⁴, para jovens acima de 15 (quinze) anos, a certificação do ensino fundamental, e para aqueles acima de 18 (dezoito) anos, a certificação referente ao ensino médio.

Ocorreu também, uma alteração na ordem das provas, ou seja, no primeiro dia de prova, será aplicada a prova de redação, Linguagens e Ciências Humanas, que terão uma duração de 5h30 (cinco horas e trinta minutos). Já no segundo dia de

⁴ Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos.

provas, acontecerá a prova de Matemática e Ciências da Natureza, com 4h30 de duração. O inverso do que acontecia até o ano de 2016 (dois mil e dezesseis)

Como medida de segurança, o Inep irá personalizar o caderno de questões com os dados de cada participante, mas, manterão as quatro cores diferentes. Em relação à taxa de isenção, terão esse direito também os alunos do Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico). Caso o estudante que optou pela taxa de isenção não compareça ao exame, só terá direito a esse benefício no ano seguinte se comprovar o motivo de sua ausência por meio de atestado médico ou documento oficial.

O resultado do exame continua sendo individual, e nesta edição será divulgado no dia 19 (dezenove) de Janeiro de 2018 (dois mil e dezoito). Já o resultado das médias do ENEM por instituição não será mais divulgado, pois, considera-se que muitas vezes, o mesmo servia como um meio de “promoção” das escolas que atingiram médias altas.

3. VOZES E RELATOS DOS ALUNOS E PROFESSORES ENTREVISTADOS

Para a execução deste trabalho, expomos aqui uma avaliação sobre o modo como grande parte dos entrevistados⁵ enxergam o Exame Nacional do Ensino Médio. Com essa finalidade perguntamos aos mesmos, quais foram às principais dificuldades encontradas ao chegarem ao ensino médio? Quais foram os incentivos dados pelos professores e pela instituição em si? O que acharam ao se deparar com o Exame Nacional do Ensino Médio pela primeira vez? Quais suas principais dificuldades? E, finalmente, o que acharam das mudanças que irão ocorrer no ENEM a partir deste ano de 2017?

3.1 A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE SANDRA

A aluna Sandra, cursou o ensino fundamental e a educação infantil em escola pública e ao chegar ao ensino médio seus pais viram a necessidade de investir e matriculá-la em uma escola particular. Ela relatou ainda o conjunto de dificuldades encontradas ao se deparar com os conteúdos e atividades da sua nova escola, principalmente pelo fato de não ter recebido o apoio e incentivo sistemáticos por parte dos professores.

Na estória de Sandra, constatamos que a mesma não sabia o que era o ENEM e nem para que esse servia: foi do desconhecimento que ela sentiu que “as portas estavam se fechando, pois durante todo o ensino fundamental não se ouviu falar em ENEM, só sabia que o exame era um dos principais meios para conseguir uma vaga em uma instituição de ensino superior gratuita”. Em relação aos professores, Sandra relata que até mesmo os de língua portuguesa não “passavam nenhum livro para fazer a leitura, nem faziam exercícios extras, apenas algumas redações, mas nem eram sobre supostos assuntos que cairiam no ENEM e sim atividades do currículo que valeriam as notas do bimestre”.

⁵ Todos os nomes dos entrevistados são fictícios.

A mesma relata ainda que tinha outra visão da escola que escolheu para estudar, ao ressaltar que: “do lado de fora achava que essa escola preparava o aluno durante todo o ano, para que quando se deparasse com a prova de qualquer vestibular tal aluno estivesse preparado e assim pudesse dar ‘nome’ a escola.” Constatamos na fala de Sandra que a carga de leitura era sucinta, pois, de acordo com a mesma, se lia somente o que o professor passava e o que “cairia” na prova bimestral, ou seja, não havia solicitação, por parte dos professores ou até mesmo da escola, de algumas leituras extras e complementares visando o aprimoramento do capital intelectual dela.

Em seguida, houve um relato forte e ao mesmo tempo frequente, quando Sandra vem dizer que ao se deparar com a prova do ENEM pela primeira vez, simplesmente achou “que não sabia de nada e que tudo que havia estudado não tinha tido nenhuma serventia”, conta ainda que: “o pior não foi a prova, foi quando recebi o resultado e como já esperava, tinha ‘fracassado’”.

Após o término do ensino médio e três inscrições no Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, todas elas “fracassadas”, a aluna se viu na necessidade de procurar um cursinho pré-vestibular, para complementar ainda mais sua busca pelo fortalecimento do capital intelectual com a finalidade de fazer valer seu sonho: o curso de Medicina. Sandra também ressalta as dificuldades que os pais enfrentam para mantê-la em um cursinho, pois o mesmo fica em outra cidade o que compromete um orçamento cujo eixo já é estreito.

Sandra fala também sobre suas dificuldades em relação ao ENEM, quanto à interpretação textual e até mesmo o cansaço que todos os candidatos são obrigados a suportar. Relata que:

São textos enormes e muitas vezes nem sabemos ao certo de que matéria se trata, temos que nos virar para interpretar tudo. Sem contar na tão temida redação, que além dela temos que resolver outras tantas questões. Isso é cansativo e desanimador e faz com que deixemos de acreditar que somos capazes. (SANDRA)

A estudante finaliza seu relato falando sobre o seu sonho e o quanto isso a deixa animada, ansiosa e esperançosa. Agradece aos que colaboraram com sua trajetória escolar e afirma que ainda dará muito orgulho a todos aqueles que acreditaram nela. Sandra conta ainda que as mudanças no ENEM trouxeram para

ela uma certa “esperança”, pois de acordo com a mesma, a realização das provas se dará de uma maneira mais “leve”.

3.2 A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE VIVIAN

A aluna Vivian teve uma trajetória mais fácil, pelo fato de ter estudar sempre em escola particular, uma vez que, a instituição pública, na visão de Sousa (2009), encontra vários desafios em funcionar como instituição reparadora de dificuldades sociais. Relata que durante a trajetória escolar ficou poucas vezes em recuperação, e no ensino médio não enfrentou dificuldades e nem ficou em recuperação bimestral. Sua maior dificuldade se deu no início do ensino fundamental II, mas logo foi se adaptando. Ou seja, o que constatamos é que a mesma leva os lauréis de sua herança social para a escola e lá os potencializa com um dinamismo diferenciado dos alunos que não têm ou não receberam uma herança sócio educacional semelhante à sua.

Vivian relata um pouco das dificuldades encontradas pelos seus pais em relação a manter ela e sua irmã em escola particular, pois eles não tinham uma renda fixa, uma vez que trabalhavam como autônomos, o que tornava mais difícil o pagamento das mensalidades, devido as mesmas deveriam ser quitadas sempre em uma data certa, estipulada pela direção da escola no ato da matrícula. Como expressa a seguir a aluna:

Um dos fatos que fizeram com que eu e minha irmã sempre nos esforçássemos na escola era porque a gente via a luta diária dos nossos pais para nos manter numa escola tão boa e cara, era como se nosso bom desempenho fosse mais do que obrigação. Muitas vezes eles deixavam de comprar coisas para eles e até mesmo para nós duas para poder cumprir com a obrigação de pagar a escola em dia e isso era uma forma de estímulo para nós duas. (VIVIAN)

Constatamos, através da fala da aluna, que o estímulo dado pelos seus pais, como a mesma citou anteriormente, foi de fundamental importância para que o sucesso em sua trajetória escolar acontecesse de forma leve e ao mesmo tempo intensa. Ver o interesse dos pais, voltados aos estudos dela e da sua irmã foi, de

fato, o que impulsionou as duas a buscar o aprimoramento na busca pelo conhecimento.

Em relação ao apoio dado pelos professores Vivian relata que a preocupação dos docentes em relação ao se trabalhar em sala os assuntos que supostamente iriam ser abordados no ENEM só era enfatizada no terceiro ano do ensino médio, de acordo com ela “a escola respirava o ENEM, toda e qualquer coisa era voltada ao exame, até mesmo os temas trabalhados fora da sala de aula”. Mesmo assim, relata ainda que não era todos os professores que tinham essa preocupação em trabalhar assuntos voltados ao ENEM, pois “só alguns tiravam um tempo a mais para revisar os assuntos, enquanto os outros preocupavam-se apenas com a grade curricular que tinha que ser cumprida”.

A aluna relata que a preocupação da escola em apoiar o aluno que iria fazer o Exame nacional do Ensino Médio era muito grande, mesmo não sendo todos os professores que trabalhavam voltados ao ENEM, após as férias do meio do ano, a direção escolar juntamente com os docentes faziam diversas reuniões procurando meios eficazes para que o apoio ao aluno acontecesse de fato, ou seja, começavam a oferecer aulas durante a semana no período da tarde e aos sábados, quando discutiam assuntos que supostamente apareceriam no ENEM, tais como dicas de temas para as redações.

Toda semana havia diversas aulas de redação e, conseqüentemente, o aluno era obrigado a produzir, no mínimo, uma redação por semana. Além de exames, ao término de cada bimestre, cujo modelo era semelhante ao do ENEM, ou seja, familiarizando-os nas regras íntimas requeridas pelo ENEM, a escola contava também com um cursinho pré vestibular, que tinha início no começo do ano, mais precisamente no mês de março, era ofertado tanto para os alunos da escola como para os que vinham de outras instituições. O cursinho era pago, mas os alunos que já pertenciam à instituição tinham um abatimento nas mensalidades.

Vivian fala um pouco sobre sua dificuldade ao realizar o ENEM, não só com relação aos conteúdos, mas também em lidar com o nervosismo e a ansiedade, que de acordo com ela, as acompanham desde muito cedo na sua trajetória escolar. Conta que:

Sempre tive muita dificuldade em saber lidar com o nervosismo quando me deparava com as provas da escola. Eu sabia que tinha que me conter, pois, de fato, isso iria me atrapalhar. Quando me deparei com as provas do

ENEM, além do nervosismo exagerado, tive dificuldade, também, nas questões de exatas porque não conseguia interpretar direito, com isso não entendia o que a questão estava pedindo, e nas da área de humanas, minha maior dificuldade foi lidar com o cansaço que aqueles textos enormes proporcionavam, pois quando terminava de ler já não sabia nem ao certo o que tinha lido no início do questão. (VIVIAN)

Com isso ela finaliza seu relato destacando que gostou bastante das mudanças implementadas no ENEM a partir deste ano, principalmente por que vai deixar de ser aquela coisa cansativa e melhor ainda por que a redação será no primeiro dia de provas, com isso poderá produzi-la com calma ao invés de estar com a cabeça cheia, por já ter resolvido tantas questões. Aguarda “ansiosa como sempre” o dia do Exame.

3.3 A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE LÚCIA

Em seguida, temos Lúcia, que sempre estudou em escola pública e vem relatar que o ENEM em si, só começou a ser visado por seus professores a partir do terceiro ano do ensino médio, ou seja, de acordo com a aluna, alguns docentes, em especial o de língua portuguesa trabalhavam muito os temas que poderiam ser abordados pelo ENEM no decorrente ano. Eram trabalhados também em sala de aula seminários e atividades voltadas ao exame, de acordo com ela, os professores que mais focavam nessas atividades eram os de história e língua portuguesa, que sempre orientava inúmeras propostas de redações, e para a mesma:

Este fato foi o que ocasionou um bom desempenho nessas matérias. Como não tivemos um apoio por parte dos professores de matemática, química e física, me sai muito mal nessas provas porque não consegui identificar, na questão em si, qual assunto se tratava, por isso não sabia qual fórmula usar ou até mesmo qual raciocínio lógico poderia se encaixar para solucionar a questão. (LÚCIA)

Segundo a aluna, um dos métodos usados pelo professor de língua portuguesa consistia no seguinte: o bimestre era composto por três notas, sendo que duas eram através de provas com os conteúdos da grade curricular e a outra era uma nota de redação, nas quais o mesmo propunha vários temas, inclusive, os

que já haviam trabalhado em provas do ENEM e outros diversos temas que poderiam ser abordados naquele ano. Conforme a aluna, isso:

Servia pra gente como um incentivo, porque todos queriam tirar notas boas, tanto na matéria dele quanto no ENEM. Esse apoio dado por ele foi muito importante para que aqueles que tinham mais dificuldades pudessem tirar suas dúvidas em sala de aula e não levá-las para o dia que aconteceria o ENEM. (LÚCIA)

A escola não oferecia cursinho pré-vestibular nem aulas fora do horário de aula, mas, em contrapartida, oferecia um micro-ônibus para transportar seus alunos ao cursinho, que era ofertado pelo governo da Paraíba, cuja localização se dava no Sítio Cajueiro - UEPB, no município de Catolé do Rocha. A aluna relata ainda a exaustiva experiência com as provas do ENEM, além de serem muitas questões para resolver, ela tinha um filho bebê, que em cuja época estava doente, e isso favoreceu mais ainda o cansaço e o nervosismo da mesma na prova.

Além de ter muitas questões para resolver eu não conseguia desviar o pensamento do meu filho que tinha ficado doente em casa, como não podia nem ao menos receber ligações a minha aflição era constante e acredito que isso tenha me prejudicado, pois, quando eu via aquelas questões com textos enormes não conseguia interpretar nada. Não gosto nem de pensar no cansaço que foi aquele final de semana para mim. (LÚCIA)

Ante ao exposto pela aluna, ao encerrar o seu relato, ela fala a cerca da felicidade em relação às mudanças propostas para o ENEM 2017. Segundo ela, isso possibilita um relativo alívio aos pais/mães que têm filhos que necessitam dos seus cuidados. Na fala de Lúcia, há uma extensão emotiva, na qual a mesma revela o amor principal que a inspira como ser humano. Ou seja, vidas emboladas cuja separação pode representar um acinte. E, ainda na sua fala, opera o desejo de materializar a sua vocação de enfermeira.

3.4 A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE FLÁVIA

A quarta aluna a ser entrevistada foi Flávia cuja trajetória escolar se deu completamente na rede de ensino particular. Em seus relatos ela deixa claro que

nunca encontrou dificuldades em sala de aula, e que sempre se destacou como uma das melhores da turma. Conta ainda como era todo o incentivo dado pelos pais e familiares, a sua principal inspiração para buscar sempre se manter como uma das melhores da turma.

Todos os anos, no final do ano a escola faz uma espécie de evento para homenagear os melhores alunos da turma e eu sempre estive nos três primeiros lugares. Ganhávamos uma medalha simbólica e vários agradecimentos da direção e dos professores, esse evento acontecia para toda a escola. Eu adorava que todos vissem o quanto eu me saía bem no ano, principalmente os meus pais. (FLÁVIA)

A aluna relata ainda que a equipe de professores e toda a escola se preocupavam bastante com a preparação dos seus alunos para o Exame Nacional do Ensino médio – ENEM, desde o início do ano, mas o ritmo acelerava após as férias de Julho. Havia vários simulados por mês, aulas de redação mais intensas, com dicas e diversas propostas, e nessas os alunos tinham que produzir redações semanalmente e poderiam assim, esclarecer e encaminhar métodos inovadores na escrita. A escola contava também com um cursinho pré-vestibular, voltado nos seus alunos e aqueles egressos de outras instituições, e essas eram à tarde, durante a semana e com um custo adicional.

Em relação às provas do ENEM, Flávia conta que quando foi realizar seu primeiro exame teve um impacto muito forte. De acordo com ela, surgiu um nervosismo jamais visto antes. Conforme o relato:

As minhas mãos tremiam, cada vez que eu tentava ler uma questão eu não conseguia entender nada, nem tão pouco saber de qual matéria se tratava. Eu sempre fui uma ótima aluna e nunca tive dificuldade nas provas da escola, não sei o que poderia estar acontecendo comigo. Talvez a minha autoconfiança tivesse me prejudicado um pouco, pois eu achava que iria 'tirar de letra' essa prova do ENEM. (FLÁVIA)

No que tange às dificuldades encontradas na realização do ENEM, a aluna ressalta que achou o exame extenso, cansativo e as questões extremamente complexas, cujo espaço de tempo era exíguo.

Flávia ressalta o instante no qual soube das mudanças que iriam ocorrer no Exame Nacional do Ensino Médio, como algo positivamente. Outro ponto ao qual ela se refere, evidencia um relativo temor no que concerne à abrangência das questões.

3.5 A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE JOANA

A aluna Joana teve uma trajetória escolar no ensino público, e, através da sua fala, percebemos que o conjunto de dificuldades tornou-se evidente, quando a mesma ressalta a ausência do recebimento de estímulos. Ou seja, ela sempre foi ensinada a pensar pequeno e, também, a reconhecer ‘o seu lugar’ na hierarquia das classificações estabelecidas pela instituição escolar.

Desde cedo, Joana registra que sentia muitas dificuldades em relação à compreensão dos conteúdos trabalhados na escola e seus diversos desdobramentos. Ela relata que sempre se saia mal nas matérias de cálculos, ou seja, matemática, física, química, entre outras. Relata ainda que quando falava, durante as aulas, que não estava entendendo o significado do conteúdo, os professores simplesmente a ignoravam como se ela não tivesse dito nada, pois, de acordo com ela “os professores não tinham a mínima preocupação se os alunos haviam entendido ou não o assunto exposto em sala de aula.”

Em relação às atividades extras voltadas ao Exame Nacional do Ensino Médio, Joana relata que a escola não oferecia nenhuma espécie de apoio ao aluno, “sequer as dúvidas sobre os assuntos do currículo escolar eram tiradas em sala de aula, imagine dúvidas sobre o ENEM”. Apesar de estarem cursando o terceiro ano do ensino médio, Joana afirma que nem todos da turma eram candidatos à seleção, e, se algum dos que iriam realizar o exame precisasse de um apoio adicional, teria de buscar elementos fora do âmbito da escola. Nas aulas de língua portuguesa eram cobrados, além das provas bimestrais, redações, nas quais os alunos tinham que entregar uma por bimestre, mas, em contrapartida, essas redações não eram espelhadas no modelo da prova do ENEM.

Em seguida, Joana chega a ficar relativamente emocionada, ao relatar o apoio que recebera dos pais em relação aos seus estudos. A mesma conta que sua mãe era a professora adicional, bastante motivada, mas possuidora de pouco conhecimento, ou seja, na linguagem de Bourdieu (2013) ausência de posse de capital educacional. O que a mãe de Joana possuía com o mínimo em termos de conhecimento e afeto relacionados a Joana, faltava em seu pai. A esse, Joana sabia que não poderia jamais recorrer nestes campos específicos e isso a machucava bastante, como vemos a seguir:

A relação com a minha mãe sempre foi mais fácil do que a com meu pai, com ela era mais fácil de conversar e me abrir, já com ele, havia dias de eu se quer escutar a sua voz, era como se eu não existisse. Lembro muito bem que várias vezes no dia do meu aniversário ele nem me desejava 'os parabéns'. E com os meus estudos não era diferente, minha mãe sempre se preocupou mais, talvez seja por que meu pai não tem estudo e por isso não da à mínima que eu tenha ou não. (JOANA)

A aluna Joana relata que assim como na escola, sua maior dificuldade ao se deparar com a prova do ENEM foi, de fato, às questões de exatas, ela conta que quando começava a ler aquelas questões enormes, cuja necessidade de raciocínio era requerida, acabava descobrindo que “não saia nada” e tendo que ler a questão duas ou três vezes, quase que inutilmente. Mas não era somente nessas questões que ela sentia dificuldade, e sim em todas do exame, ela conta, também, que tinha muita dificuldade em interpretar os textos e em escrever a redação, pois, apesar de sempre escrever redações durante o ensino médio na escola, ela não sabia se escrevia certo ou errado, de acordo com as normas padrões, por que as redações, uma vez recebidas pelo professor, não retornavam aos alunos com as devidas correções.

No que concerne às mudanças no ENEM a partir deste ano, a aluna fala que não gostou muito, de acordo com ela, era preferível que fosse menos questões e que o exame continuasse sendo dois dias seguidos, pelo fato de morar em uma cidade vizinha, o cansaço seria praticamente o mesmo, pois teria que se deslocar até o local de realização do exame dois finais de semana o que implicaria consideravelmente num custo adicional.

3.6 A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE VALÉRIA

A sexta aluna ouvida por nós foi a Valéria, cuja trajetória escolar ocorrera apenas em instituição particular. E isso é traduzido amplamente no relato que a mesma faz de maneira bastante detalhada, acerca de sua trajetória escolar. Ela começa relatando ser filha de uma professora e de um pai operário, que não

mediam esforços para vê-la feliz e interessada nos estudos, e isso a fazia ter na educação a chave para abrir o seu sucesso. Em seu relato, a mesma destaca que:

Esse foi o principal motivo de eu ter me dedicado tanto na escola, eu via diariamente o esforço de meus pais para me manter em uma escola considerada umas das melhores da cidade. O meu bom desempenho era o mínimo que eu poderia fazer para retribuir todo esforço dado por eles, e não me arrependo de nada. (VALÉRIA)

A aluna relata que desde o início do ensino médio a mobilização da escola, buscando maneiras de atraí-los e mostrar-lhes o quanto seria gratificante à conquista do acesso às universidades de boas referências, sejam elas públicas ou privadas, era constante e motivadora. Havia palestras relativas ao que é o mundo acadêmico, onde os alunos podiam esclarecer todas as suas dúvidas.

Ao chegar ao segundo ano do ensino médio, Valéria ressalta que a escola e a equipe de professores incentivavam também o aluno para que, o mesmo, se inscrevesse no ENEM, a fim de realizar as provas somente por experiência, para que não houvesse estranhamento, com relação ao modelo da prova quando fosse realizá-la valendo uma vaga nas universidades. A escola oferecia, ainda, vários aulões e atividades extracurriculares que funcionavam como grupos de estudos nas horas vagas.

Quando chegou ao terceiro ano do ensino médio, a mesma relata que esse apoio da escola e dos professores aumentou ainda mais, quando, pelo menos duas vezes por semana os professores levavam cadernos de questões das edições passadas do ENEM e iam responder as questões junto com os alunos em sala de aula.

Era realizado uma série de atividades extras, tanto propostas de redações semanais, como aulões e simulados do modelo da prova no ENEM que aconteciam uma vez a cada bimestre, aos sábados, com conteúdos que supostamente cairiam no ENEM e uma proposta de redação. O que eu acho mais interessante é que também era estipulado um tempo para realização deste simulado, ou seja, já servia para que a gente fosse se acostumando com o tempo de provas do exame. (VALÉRIA)

A aluna relata que durante o ensino médio tinha um pouco de dificuldade nas matérias de exatas, “mas era uma questão de afinidade mesmo”, ressalta que se dedicava um pouco mais nessas matérias para que não ficasse em recuperação. Mesmo com essa dificuldade, a aluna registra que quando se deparou com a prova

do ENEM, sua maior dificuldade, “por incrível que pareça, já que tinha contato semanal com a escrita”, foi à redação. Ela relata que:

A parte mais complicada era sempre a redação. Mesmo tendo feito a prova do ENEM desde o segundo ano do ensino médio, por incentivo da escola, quando me deparei com a prova pela segunda vez, a redação ainda foi minha maior dificuldade. Isso porque quando estudávamos redação existia muita prática de escrita e pouca leitura. Hoje percebo que existia uma grande mecanização da escrita e o que mais me fez falta era a leitura e o conhecimento sobre a atualidade, ou seja, o que estava acontecendo no país naquela época. (VALÉRIA)

Por fim, a aluna fala um pouco sobre as mudanças do ENEM, ressalta que no início sempre há uma insegurança com relação a isso, pois “tudo que é novo traz certa dúvida, porque pode ser que não seja tão bom, mas também pode ser que dê muito certo”. Uma das vantagens que Valéria vê nessas mudanças é o fato da prova se realizar em dois domingos, pois, segundo ela, “isso proporciona uma tranquilidade, pois as provas em dias seguidos causam uma agitação maior no candidato”. Finaliza seu relato ao fazer uma breve observação quanto às questões muito extensas do exame e conta que, em decorrência das provas serem realizadas em dois domingos, o cansaço será, para ela, um pouco menor.

3.7 A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE HELENA

Para finalizarmos esta seção relativa aos relatos dos alunos que se submeteram ao Exame Nacional do Ensino Médio, apresentamos o relato da aluna Helena que conta que estudou toda a trajetória escolar em instituições públicas, e que, a escola na qual ela cursou o ensino médio tinha uma estrutura básica ruim e não oferecia nenhum apoio ao aluno que iria se candidatar no ENEM. A mesma entende de forma constrangedora o lado das limitações estruturais da escola na qual estudava.

Helena relata que os conteúdos trabalhados em sala de aula sempre foram os propostos nos livros didáticos adotado pela escola, e os professores o seguiam à risca apenas com a finalidade exclusiva de cumprir o calendário das notas bimestrais. Eram raras as atividades extracurriculares, relacionadas ao Exame

Nacional do Ensino Médio. A aluna ressalta ainda que “não havia a preocupação em desenvolver nenhuma atividade complementar e de suporte voltados ao preparo do aluno para o bom desempenho no ENEM.”

Ainda de acordo com os relatos da aluna, há um destaque punitivo em relação ao corpo docente da escola, esse composto por professores qualificados, e que, em sua maioria, ensinavam também em instituições de cunho privado, mas, no entanto, a competência desses não se traduzia nos níveis adequados à necessidade dos alunos, em cuja escola Helena estudava. O desempenho positivo da aluna estava meio que associado a um esforço de ordem pessoal e alimentado pela família, tal como vemos a seguir na fala de Helena:

O incentivo deles, sempre foi para que eu freqüentasse a escola, e buscasse adquirir o máximo de conhecimento possível. Apesar de todo material ser dado pela instituição, sempre que eu achava algum livro interessante ou tinha a curiosidade de ler, eles nunca negaram em me comprar, e isso fez com que até hoje eu fosse uma pessoa curiosa, observadora e amante da leitura. (HELENA)

Durante os três anos de ensino médio, a aluna conta que não teve muitas dificuldades com os conteúdos de sala e que sempre se relacionou muito bem com os seus professores. Ela relata que sempre tirou notas boas, e achava um pouco simples demais a maneira como esses conteúdos eram passados e como os mesmos eram cobrados.

Eu nunca tive dificuldades com os conteúdos da escola, e nem prestava tanta atenção nas aulas, porque as achava chata e enfadonha demais. Os professores não tinham criatividade para elaborar uma aula diferente, ou se tinham, não queriam, acho que pelo fato das aulas tradicionais serem mais fáceis de ser elaboradas. E esses eram alguns dos motivos para eu achar que iria me sair muito bem nas provas do ENEM, mas eu me enganei. (HELENA)

Em relação às dificuldades enfrentadas ao se deparar com a prova do ENEM, Helena vem dizer que “foram muitas”, desde as questões de humanas, até as de exatas. Fato bem comum que acontece com a maioria dos alunos que não tiveram um acompanhamento escolar adequado, pois ante ao relato de Helena vimos que mesmo com o apoio dos pais, a falta desse apoio dentro da instituição gerou uma série de dificuldades ao realizar o ENEM.

Creio que a minha maior dificuldade ao se deparar com as provas do ENEM foi o fato de que muitos conteúdos da prova eu nunca cheguei a ver durante todo o meu ensino médio. A maneira como as questões eram elaboradas era tudo muito novo para mim, por que na escola nós não tínhamos provas com questões tão extensas e sem contar com a redação, que só foi cobrada pela escola duas vezes durante o terceiro ano do ensino médio. (HELENA)

A aluna finaliza seus relatos registrando o que achou das mudanças ocorridas no ENEM a partir deste ano, afirma que ficou muito animada pelo fato da redação ser realizada no primeiro dia de provas, pois, segundo ela a mesma será feita de “cabeça fria” e, isso possivelmente, facilitará tanto o raciocínio como o desenrolar da produção. O fato das provas serem realizadas em dois finais de semana, mais precisamente aos domingos, representa um ponto positivo, pois segundo a aluna “o fato de realizar as provas em dois dias seguidos tornava o processo ainda mais cansativo”. A mesma finaliza seu relato e ressalta que está animada para realizar novamente o exame este ano.

3.8 PRINCIPAL QUEIXA DAS ALUNAS EM RELAÇÃO AO ENEM

Uma das mudanças no ENEM mais comentadas entre as alunas que foram entrevistadas para a execução deste trabalho foi o aumento significativo do valor da taxa de inscrição, que nesta edição equivale a R\$ 82,00 (oitenta e dois). A queixa mais constante vinha, principalmente entre os alunos de escola pública, que apesar de terem o direito à isenção da taxa, pelo motivo de terem terminado o ensino médio em escola pública, sabiam que para conseguir a não custeá-la, havia barreiras impeditivas mais resistentes cujos relatos destacamos a seguir:

Nas outras edições que participei, quando cursava o primeiro e segundo ano do ensino médio, sempre foi mais fácil para mim, conseguir a isenção do valor total para realizar o ENEM, mas neste ano, quando fui realizar minha inscrição tive que enviar uma série de documentos para provar que eu realmente era merecedora deste abatimento. Infelizmente, uma amiga que também é minha colega de sala não conseguiu a isenção, não sabemos o porquê, nem ela soube explicar o motivo, só disse a um de nossos professores que tinha recebido um e-mail informando que ela teria que pagar o valor total para realizar o ENEM. Isso fez com que ela ficasse de fora desta edição do

Figura 2 – Questão 119 do caderno de questões do ENEM 2011

QUESTÃO 119



Disponível em: <http://clubedamafalda.blogspot.com.br>. Acesso em: 21 set. 2011.

Nessa charge, o recurso morfossintático que colabora para o efeito de humor está indicado pelo(a)

- A emprego de uma oração adversativa, que orienta a quebra da expectativa ao final.
- B uso de conjunção aditiva, que cria uma relação de causa e efeito entre as ações.
- C retomada do substantivo "mãe", que desfaz a ambiguidade dos sentidos a ele atribuídos.
- D utilização da forma pronominal "ia", que reflete um tratamento formal do filho em relação à "mãe".
- E repetição da forma verbal "é", que reforça a relação de adição existente entre as orações.

Fonte: <https://www.escreveronline.com.br/analise-da-prova-de-portugues>

Ao conversar com os alunos, de maneira descontraída, pudemos notar que de fato as questões acima apresentadas eram consideradas, pelos mesmos, de difícil compreensão e interpretação. Ouviram-se relatos do tipo:

Toda vez que eu abria as provas do ENEM e via alguma charge, ficava extremamente feliz achando que era uma questão muito simples e fácil de resolver, mas ao me deparar com essas questões via que estava completamente enganada, pois apesar do gênero charge ser abordado de maneira tão leve no ensino fundamental e médio, nas provas do ENEM é totalmente diferente. Foi aí que eu comecei a pensar que não saberia responder nada daquela prova! (Joana)

Percebemos também que a maioria dos alunos ouvidos que vinham de uma escola particular, tinham mais facilidade em responder as questões, enquanto quase todos que vinham de escola pública afirmaram que ao se deparar com questões deste tipo, simplesmente "chutariam" a resposta. Como podemos ver no seguinte relato:

Eu iria ler as charges achando que as alternativas seriam no mínimo óbvias, mas com certeza, ao ler as alternativas destas questões viria que eu tinha me enganado, por isso não iria, de forma alguma “quebrar a minha cabeça”, eu “chutaria” com certeza essa questão. (Joana)

Assim como Joana, grande parte dos alunos, que apresentavam uma origem sócio-educacional advinda de instituições públicas, pensavam praticamente da mesma maneira. Muitos deles chegaram a afirmar que “era uma perda de tempo ficar martelando uma questão que com certeza não saberiam responder”, o que caracteriza o desestímulo desses alunos

3.9 REGISTROS DAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS

Após ouvirmos os relatos das alunas, foi a vez de nos reunirmos com algumas professoras de língua portuguesa que atuam em escolas públicas e privadas na cidade de Catolé do Rocha/PB, a fim de dialogarmos com o intuito de entender os dramas e as inquietações que circundam as provas do ENEM.

A professora Carla, registra em sua fala, o drama vivido em sala de aula, após a realização do ENEM. A mesma leciona em escolas públicas e privadas e ressaltou que as reclamações foram mais frequentes na escola pública. Para ela, é como se os alunos tivessem sido colocados numa disputa para a qual eles não se encontram preparados. E à medida em que os mesmos percebem tal impotência, é meio como o florescer de uma revolta.

A professora Valquíria, que também desempenha uma função semelhante a da professora Carla, resalta de maneira desencantada, que infelizmente é levada a concordar como o “caos” da falta de esperança. É como se a sentença já fosse dada antes do julgamento. E não raras vezes, se depara com as lamúrias dos alunos. A mesma relata que ouvia reclamações que a deixava extremamente triste, como podemos ver nos relatos a seguir: “professora acho que fui muito mal nas provas”; “eu realmente não soube botar em prática nada do que vi esses três anos de ensino médio”. Compreendemos pelas falas das professoras que é um contexto de cartas marcadas, no qual quem não apresenta a credencial da competência educacional,

requerida pelo ENEM, está eliminado e, numa dimensão mais pessimista *para sempre*.

Já a professora Geisa, que leciona somente em escolas particulares, relata um contexto um tanto diferenciado das professoras anteriores. Os relatos com os quais se depara no cotidiano escolar é de expectativas e de projeções de sonhos em alta escala. E o que ela mais identifica é uma reclamação cabível num hall de exigências, a fim de que o desempenho dos alunos seja melhorado.

Há uma série de reclamações sim, mas são em relação à estruturação das provas, muitos reclamam o fato de que as matérias não são divididas entre si e sim por áreas específicas o que dificulta a interpretação, pois muitas vezes o aluno não consegue identificar de qual matéria se trata. (Professora Geisa)

O quesito colocado pelas três professoras, que se refere a dificuldade em interpretar as questões, ou seja, de que matéria se trata e principalmente o que a questão requisita, era muito comentado pelos seus alunos. As questões do ENEM são, em sua maioria, extensas e de difícil compreensão, de acordo com o relato de vários alunos. Segundo eles, esse é o motivo mais comum do “fracasso” nas provas do ENEM, pois, muitas vezes o aluno sabe a questão, entende o assunto, mas se confunde ao interpretar o que, de fato, a questão necessita para se obter a resposta correta.

Quando perguntamos o que poderia ser melhorado quanto a esse quesito de interpretação das questões do ENEM, as professoras Carla e Geisa propuseram algo que para elas seria “um fator bem interessante: a diminuição do tamanho das questões”, ou seja, reduzir aqueles textos enormes que introduzem a maioria das questões e, que, muitas vezes “só serve para confundir ainda mais a cabeça do aluno”.

Já para a professora Valquíria, mudar apenas o tamanho dos textos que introduzem as questões não é o suficiente para tentar atrair o olhar do candidato. Para ela, seria interessante “reduzir significativamente o número de questões do ENEM”.

Um dos relatos mais ouvidos em sala de aula após meus alunos realizarem o ENEM, é além da dificuldade em interpretar o que se pede, o extremo cansaço que o aluno se submete ao realizar o Exame Nacional do Ensino Médio. O número de questões diminuindo, este cansaço de que tanto

reclamam, de certa forma, também iria diminuir. Sem contar no dia da redação, que o aluno além de uma produção textual carregada por uma pressão psicológica, teria que resolver também inúmeras questões de matemática, códigos e suas tecnologias. (Professora Valquíria)

As professoras Carla e Geisa concordam com o que a professora Valquíria propôs e contam suas experiências com os relatos parecidos com o que a mesma tinha acabado de expor.

De fato, muitos alunos reclamam do 'tamanho' da prova do ENEM, apesar de que os registros em relação à interpretação das questões predominam nas minhas aulas, dias após o exame, em contrapartida também vemos muitos relatos de alunos comentando sobre o número extenso de questões do exame e do cansaço extremo, principalmente no dia da redação. (professora Geisa)

Em seguida, perguntamos a elas o que as mesmas acharam das mudanças que ocorrerão a partir deste ano, no Exame Nacional do Ensino Médio. As três professoras relataram que essas mudanças são satisfatórias e que pode, de fato, facilitar ao aluno o melhor desempenho no exame, “principalmente no quesito cansaço”.

3.10 CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS FALAS DAS ENTREVISTADAS

Após ouvir as falas dos alunos, das professoras e da comunidade com as quais conversamos informalmente, pudemos identificar, em grande parte, a dificuldade que os alunos advindos de instituições públicas tinham em relação aos conteúdos e ainda ao modelo de prova que era adotado pelo Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM. Embora haja, também, certas queixas registradas por alunos de escolas particulares, pudemos notar, na maioria das vezes, que tais dificuldades eram apagadas e resolvidas com mais leveza. Conseguimos perceber em muitos relatos, que há, de fato, uma hierarquia em relação aos fatores como: apoio familiar, em especial dos pais, a estrutura da escola e ainda os recursos usados pela instituição para que seus alunos possam estar, aptos a se obter um bom resultado no ENEM, e isso faz com que haja, em grande medida, uma diferenciação decisiva

na classificação de cada aluno no exame, pois, aqueles menos favorecidos destes fatores, serão conseqüentemente, mais penalizados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo central neste trabalho foi o de analisar a maneira como se processa o desempenho dos alunos das escolas privadas e públicas na cidade de Catolé do Rocha-PB em relação à seleção requerida pelo ENEM. Ou seja, buscamos uma explicação não “naturalista” que muitas vezes tende a reconhecer que as oportunidades são para todos e que o sucesso educacional depende única e exclusivamente do aluno no jogo meritocrático. A referida ideologia enquadra-se naquilo que o ideário neoliberal vende como referencial de desenvolvimento e de mudança que o – mercado da educação - faz valer como justo, e ao qual, em certa medida, o abonamos, porque não possuímos os meios eficazes para enfrentá-lo.

Neste trabalho poderíamos ter seguido diretrizes ideológicas do neoliberalismo, mas compreendemos, com base em Pierre Bourdieu e Jessé Souza, que tal procedimento, poderia ser um “suicídio”, isso porque, a origem social ficaria desalojada da explicação sociológica, na qual o esboço da análise sistêmica e educacional devem ser levadas a cabo. E ao olhar a instituição escolar brasileira, vemos que o município, no qual realizamos o trabalho de campo, está engessado dentro das teias e amarras da “má-fé-institucional” que persiste e resiste a não ser inclusiva e, nem tampouco, universal. Muito pelo contrário, continua a privilegiar os mais privilegiados. Se assim o fosse, teríamos uma estado-nação forte o bastante para emborcar as diretrizes cunhadas pelo Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional – FM. É lamentável que passemos décadas nos inspirando em modelos externos, como se fôssemos incapazes de gerir nosso norte educacional, cuja gramática deveria reger as *normas*: a) de transformação social pela educação; b) de extinção do analfabetismo; c) do domínio de tecnologia de ponta; d) da melhoria no investimento da pesquisa que potencializa inovações que impactam significativamente no avanço do Brasil nos diferentes *campi* institucionais, capazes e necessários no sentido de nos conduzir à um posto de nação estratégica e de referência mundial; e) e, por fim, da consolidação do nosso modelo educacional sem o costume de alimentar-se com as migalhas ‘doadas’ e reconhecidas pelas metrópoles como adequadas à colônia e, também, aos países periféricos.

E, aqui, o nosso método de trabalho foi o de caminhar na contra-mão dos mitos educacionais, a fim de fazer a ciência por procedimentos múltiplos e não por tratados pontuais. Embora, ao olharmos para o contexto local, vejamos que isso ainda esteja bem distante de ser alcançado, quando vemos a avaliação exercida pelo ENEM como sendo suave àqueles cuja formação se dá recheada de estímulos, ao contrário dos *veredictos* de naturalização e de banalização do fracasso para a “ralé brasileira” no campo educacional.

ABSTRACT

THE PROCESS OF CLASSIFICATION IN THE HIGH SCHOOL NATIONAL EXAM (ENEM) AMONG STUDENTS BELONGING TO DIFFERENT SOCIAL STRATA IN THE CITY OF CATOLÉ DO ROCHA – PB.

Our main objective in this work is to analyze the performance of the students which belonged to the different social strata in the city of Catolé do Rocha - PB, in relation to the National High School Examination - ENEM. For this, we used a qualitative methodology, through which we interviewed seven students from public and private institutions, as well as three teachers belonging to the same schools, aiming to detect, through interviews with them, the location of the main difficulties encountered or not in the daily life of their educational trajectories. The theoretical basis is supported by Pierre Bourdieu, Marx Weber and Souza, authors of sociology, who help us to understand the main contradictions in Brazilian school system. Regarding the results, we reached the following conclusions: first, that socio-educational heritage is an almost definitive element of school success, with few exceptions; And, secondly, that educational motivation represents a symbol, whose value is given as an instrument of class privilege.

Keywords: ENEM. Students. Performance. Trajectory

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino / Pierre Bourdieu, Jean-Claude Passeron; tradução de Reynaldo Bairão; revisão de Pedro Benjamim Garcia e Ana Maria Baeta. 6. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BOURDIEU, P. **Escritos da Educação**/Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (organizadores). 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. – (Ciências sociais da educação)

REDAÇÃO. **Entenda todas as mudanças do Enem 2017**, disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/enem/entenda-todas-as-mudancas-do-enem-2017/> > acesso em 10 de julho de 2017.

SOUSA, Jessé. **Entrevista realizada ao site: debatesbrasilianas.org** – (2015), disponível em: debatesbrasilianas.org – Jessé Souza, presidente do IPEA (TV Brasil)

SOUZA, Jessé. **A Ralé Brasileira**: quem é e como vive, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

WEBER, Max. “A Ciência como vocação”. In: ____ **Ciência e política. Duas vocações**. 16ª ed. tradução de Leônidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. – São Paulo: Editora Cultrix, 2000.